# Caderno de FAMÍLIA e CASAL

Coordenação

Maria Helena R. Junqueira

# Índice

Configurações Atuais de Família e Casal pág. 3
*Maria Helena R. Junqueira*

Comentários sobre o trabalho "Configurações Atuais de Família e Casal" de Maria Helena R. Junqueira [Reunião Científica da SBPRJ, 25.03.2010] pág.12
*Lucila Faerchtein*

# Configurações Atuais de Família e Casal

*Maria Helena R. Junqueira*[1]

Mudança e permanência. Este pode ser um ponto de partida estimulante para iniciarmos uma reflexão sobre as configurações atuais de família e casal. Há um caráter paradoxal que se prenuncia quando pensamos sobre a família contemporânea. Por um lado parece gritante o fato de que mudanças radicais ocorreram, mas talvez estas mudanças se evidenciem mais quando são considerados comportamentos, hábitos, algo observável, sendo que o que não é observável demanda reflexão. Há, no entanto, algo que permanece, que perdura, uma estrutura de sustentação dos relacionamentos e afetos primordiais e que participa na constituição psíquica e no processo de subjetivação. Aprendemos com Bion, quando afirma que mesmo nas mudanças catastróficas há um ponto de invariância que sustenta a transformação.

Nos anos 70, a partir de uma perspectiva em que se pensavam os laços familiares, surgiu o rumor de que a família morreu. A influência desta formulação, deste dito de época, provocou largos efeitos sobre a cultura e conseqüentemente sobre psicanalistas e pacientes. Não há dúvida de que em cada momento histórico lida-se com os modos de troca, de circulação da pulsão e do desejo, com o embate geracional de um modo próprio, a partir das

[1] Membro efetivo da SBPRJ

condições vigentes. Nessa década, ainda na onda dos anos 60, a palavra de ordem era a ruptura com tudo que parecesse tradicional. Foi quando começaram a se tornar bem mais freqüentes as separações de casais, rompendo-se assim o primado do casamento indissolúvel e busca de satisfação sexual deixava definitivamente de estar atrelada ao casamento.

Desde então, no bojo de muitas transformações que provocaram efeitos no desenho das famílias atuais, vemos ruir o primado da solidariedade enquanto fundamento social ou como forma de vinculação com o outro. O problema do outro deixa de ser uma questão comum a todos, o que impede que se possa buscar juntos novas soluções possíveis. A fluidez, a instabilidade, o desvinculo tornam muito frágeis as possibilidades e condições de organização social e política – uma descrença que se generaliza cada vez mais, provocando apatia e desencanto. Essas circunstâncias surtirão efeitos sobre a organização das famílias e dos casais, inscritos em um mundo em transformações tão aceleradas.

Vários autores tem se dedicado a compreender a sociedade contemporânea, buscando estabelecer os fatores que desencadeiam as transformações em curso. Zygmunt Bauman é um dos mais empenhados pensadores da cultura e são dele as citações que se seguem, de seu livro *Modernidade líquida,* que são instigantes para pensarmos estas questões. Diz ele que *a incerteza do presente decorre de uma poderosa força individualizadora, ela divide em vez de unir*. E mais adiante escreve *os medos, ansiedades e angústias*

*contemporâneas são feitos para serem sofridos em solidão*. Essa "força individualizadora", no contexto proposto por Bauman, não remete a um processo de individuação ou de contato consigo mesmo. Aponta para um fracionamento, um enfraquecimento da possibilidade de união em torno de uma causa comum ou de qualquer esforço contestatório, de uma ação solidária. Solitário em lugar de solidário.

Seguimos o pensamento deste autor, quando se refere à relação entre consumo e relações humanas, sugerindo que

*Há ainda outra ligação entre a "consumização" de um mundo precário e a desintegração dos laços humanos. Ao contrário da produção, o consumo é uma atividade solitária, irremediavelmente solitário, mesmo nos momentos em que se realiza na companhia de outros.... É a cooperação que transforma os esforços diversos e dispersos em esforços produtivos. No caso do consumo, porém, a cooperação não só é desnecessária como é inteiramente supérflua.*

Bauman alude aqui aos efeitos do sistema capitalista e dos modos de produção sobre os processos subjetivos, esforçando-se por mostrar o encadeamento destes processos com os acontecimentos da vida cotidiana, a criação artística, a constituição da família, os métodos educacionais que são atravessados por esses processos. No caso da vivência familiar, há um novo fluxo de circulação da pulsão, dos afetos, das relações entre as gerações. Estando a família inscrita na sociedade, não estará isenta das influências a que

esta pode estar sujeita e estes fatores atuam interferindo nos modos de vínculos familiares, e de todos os vínculos.

É ainda Bauman quem diz que *casamentos "até que a morte nos separe" estão decididamente fora de moda e se tornaram uma raridade: os parceiros não esperam mais viver muito tempo juntos*. Predomina uma mentalidade de "curto prazo", em que as pessoas quando se casam não tem muita expectativa de ficarem juntas a "longo prazo . Vem se constatando uma substituição gradativa do casamento convencional pelo "viver juntos", o que faz supor um certo abrandamento do compromisso e a idéia de que assim possa parecer mais fácil se a relação se romper. A efemeridade instala uma nova lógica, presente também nos relacionamentos. Vemos que não é só no âmbito do trabalho que imperam novas condições de provisoriedade e instabilidade, o sistema atravessa todas as instâncias, provocando uma vida saturada de incertezas

Para pensar a problemática da família contemporânea, Elizabeth Roudinesco escreveu *A família em desordem,* livro no qual se indaga sobre várias questões em torno da influência da cultura na constituição e funcionamento das famílias hoje. Sobre a evolução da família, ela propõe distinguir três grandes períodos. A primeira fase seria da família dita "tradicional", cuja função social principal seria assegurar a transmissão de patrimônio, sendo que os laços afetivos ou sexuais não seriam levados em conta e em que vigorava a submissão à autoridade patriarcal. Numa segunda fase, a família dita "moderna" seria fundada no amor romântico, modelo

vigente entre o final do século XVIII e meados do século XX, e na qual eram consideradas a reciprocidade de sentimentos e os desejos carnais dos cônjuges, por intermédio do casamento. A partir dos anos 60, a família dita "contemporânea" ou "pós-moderna" é constituída por dois indivíduos em busca de relações íntimas ou realização sexual e em que a questão da transmissão de autoridade vai se tornando cada vez mais problemática, devido às separações, divórcios e recomposições conjugais. O casamento foi perdendo efetivamente sua força simbólica, à medida que aumentava o número de divórcios. Os lugares de pai, mãe, filho seguem sofrendo mutações simbólicas, revelando-se novos contornos.

Em suas formulações, Roudinesco dá destaque à questão do declínio da autoridade paterna e suas consequências, perguntando-se se nas condições atuais o pai estaria condenado a não ter mais uma função simbólica. Em seu livro, sugere que

> *À família autoritária de outrora, triunfal ou melancólica, sucedeu a família mutilada de hoje, feita de feridas íntimas, de violências silenciosas, de lembranças recalcadas. Ao perder sua auréola de virtude, o pai, que a dominava, forneceu então uma imagem invertida de si mesmo, deixando transparecer um eu descentrado, autobiográfico, individualizado, cuja grande fratura a psicanálise tentará assumir durante todo o século XX.*

Podemos constatar que é em torno do pai, de sua autoridade que se efetuam as transformações simbólicas na estrutura familiar. Ao longo do século

XX, as funções parentais foram re-configuradas em função da redistribuição das funções materna e paterna. A entrada da mulher no mercado de trabalho impôs as consequentes mudanças na família. O modelo clássico vigente até então do pai que trabalhava e a mulher que cuidava dos filhos e da casa já não vigora do mesmo modo. A mulher passou a dividir com o companheiro o encargo de sustento da família e os filhos passaram a não contar com a presença constante da mãe, o que acarretou uma redefinição de papéis, deixando de ser o homem a referência dominante na organização familiar.

É também importante considerarmos o estatuto da sexualidade na vida contemporânea, num momento em que a procriação já não depende necessariamente do ato sexual. Quanto a este tema, referindo-se a reflexões de Theodor Adorno, a autora escreve

*A essa constatação de uma inversão mortífera das gerações e de uma morte programada da família, Adorno acrescentava aquela que lhe parecia ainda mais temível, que seria o advento de uma sexualidade dessexualizada que não encontraria mais seus fundamentos no desejo, no amor ou na sublimação, mas em uma prática puramente fisiológica de satisfação das necessidades: uma espécie de pornografia puritana e higiênica.*

A autora relaciona o advento de uma sexualidade dessexualizada com o culto contemporâneo da pornografia. Ressalta ainda que Adorno pode ter tido razão quando se referiu ao risco de se poder chegar a não desejar procriar. Diz ela que a partir de 1960, pelo menos no Ocidente, fez-se um grande abismo

entre o desejo de feminilidade e o desejo de maternidade, entre o desejo de gozar e o desejo de procriar. As mulheres passaram a ter um domínio maior de seu corpo e de seu desejo e a maternidade deixa de ser fundamento de sustentação do casamento. Ao mesmo tempo, os avanços das técnicas de inseminação artificial abriram caminho para uma possível substituição das relações sexuais por uma intervenção médica, o que ocorre no caso de fecundação artificial. Ao longo do século XX, os modos de se relacionar com o corpo passaram por transformações significativas, que deram origem a uma nova dimensão da sexualidade.

O mundo é puro devir , em que a surpresa, a imprevisibilidade, a inconstância, a instabilidade fazem parte de qualquer processo de constituição. A vida é constante alternância descontínua de fluxos, pulsões, ritmos que a nós só nos resta viver. Pretender evitar estes movimentos parece supor um desejo onipotente de controle da vida pela imobilidade, pela cristalização, o que pode se expressar psiquicamente, corporalmente, existencialmente.

Vemos que o mundo se tornou mais fluido, mais descontínuo e que o futuro pode ter se tornado mais opaco, provocando muitas vezes dificuldades como fazer projetos de vida ou de ver no futuro só riscos, sem vislumbrar esperança. A alteridade, os modos de vinculação tornaram-se profundamente necessários não só em sua dimensão psíquica, mas também em sua dimensão política.

É fundamental percebermos que a psicanálise é hoje uma disciplina e uma prática clínica inscrita em uma cultura que já a assimilou. Bauman, aqui citado, e tantos outros autores contemporâneos estudiosos da psicanálise ou influenciados por ela discutem seus pressupostos, dialogam com seus conceitos. A psicanálise há muito deixou de ser uma prática restrita aos consultórios para se expandir na vida social, nas escolas e universidades, nos hospitais, nas artes. Esse diálogo com a cultura, a escuta de seus rumores tornou-se imprescindível à prática psicanalítica.

Não são poucos os desafios que o psicanalista atravessa em sua trajetória, em sua formação e no exercício da psicanálise. A rigidez, a convicção, a onipotência talvez sejam posturas desafinadas aos preceitos fundamentais da psicanálise. Quem sabe o desafio maior que enfrentamos seja o de tentarmos nos manter flutuantes, maleáveis às transformações, aos trânsitos que ganharam tanta velocidade na contemporaneidade. Talvez para sobreviver e manter o vigor que tem ainda hoje, com seu profundo poder de transformação que tanto contribuiu para as evoluções e revoluções do século XX, a psicanálise possa aguçar sua escuta das transformações sociais, culturais e políticas, buscando responder e corresponder a essas reviravoltas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. **Bauman**, Zygmunt. *Modernidade líquida*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

2. **Berenstein**, Isidoro. *Lo vincular – clínica e técnica psicoanalítica*, Buenos Aires, Paidós, 2007.
*Devenir outro con otros*, Buenos Aires, Paidós, 2007.

3. **Freud**, Sigmund. *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu, 1978
*Romance familiar*

4. **Puget**, Janine. *Lo vincular – clínica e técnica psicoanalítica*, Buenos Aires, Paidós, 2007

5. **Roudinesco**, Elizabeth. *A família em desordem*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003

6. **De Singly**, François. *Sociologia da família contemporânea*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2007

7. **Bauleo**, Armando. *Ideologia, grupo y família*, Buenos Aires, Kargieman, 1974

8. **Therborn**, Göran. *Sexo e poder – a família no mundo 1900-2000*, São Paulo, Contexto, 2006

9. **Lebrun**, Jean-Pierre. *Um mundo sem limite - Ensaio para uma crítica psicanalítica do social*, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2004

## Comentários sobre o trabalho

# "Configurações Atuais de Família e Casal"

de Maria Helena Junqueira

Reunião Científica da SBPRJ - 25/3/2010

*Lucila Faerchtein*

É muito gostoso estar aqui com vocês, participando das (aproveitando o título da Maria Helena) reviravoltas de nossa sociedade, da riqueza que nossa capacidade de mudar e ao mesmo tempo permanecer nos proporciona. A formação de um grupo de estudos de família e casal, a discussão desse trabalho em uma sessão científica são exemplos disso.

Eu acho que refletir sobre as novas configurações familiares é útil mesmo para quem só trabalha com pacientes individuais, já que a discussão é se essas mudanças apontam ou não, e de que forma para a constituição de uma nova subjetividade.

E o trabalho da Maria Helena, nesse sentido é extremamente oportuno, inteligente e relevante. Eu o achei bastante claro articulado. Completo.
Assim, vou me ater ao meu papel de comentadora e trazer questões para o debate. Antes, porém, achei útil trazer alguns exemplos clínicos para dar um pouco mais de visibilidade e concretude ao que Maria Helena trouxe teoricamente.

Vou começar por um caso clínico que acho ilustrativo (e só possível) desses tempos pós-modernos. Casal de lésbicas:

A primeira vamos chamar de Alice já tinha dois filhos. Tinha sido casada. Quem me encaminhou disse que ela tinha se transformado totalmente, tinha sido muito feminina, mas quando me chegou no consultório era um homenzinho: dura, decidida, cabelos curtos, sempre molhados tipo com gel, terninhos, sapatos fechados.

A outra vamos chamar de Bia, linda, frágil, voz suave, diáfana. Ela queria ter um filho. Dizia que Alice já tinha tido essa experiência e que ela fazia questão da maternidade. Alice aceitava, a dificuldade era como.

Inicialmente, Bia tinha proposto engravidar de um amigo de infância gay, que queria dar um neto para a mãe. Ela gostava muito dele, Alice o conhecia e Bia já tinha tido relações heterossexuais no passado, tinha intimidade com o amigo, não via dificuldades em se relacionar para engravidar...

Alice, com ciúmes, recusa a possibilidade de Bia ter relações com ele.

Bia então propõe inseminação. Novo dilema se instaura. Alice se dá conta de que haverá mais alguém na função materno-paterna: ele, a mãe dele. Não aceita. Elas duas deveriam criar a criança.

Bia retruca que os filhos de Alice têm um pai e que ela deve dividir as crianças com esse pai. Alice diz que largou tudo para estar com Bia e que Bia deveria ter o mesmo tipo de fidelidade. Que aquilo era um novo começo para as duas. Até aí parecia que Alice demonstrava ciúmes de Bia, e que queria ocupar o lugar do marido e pai da criança imaginada;

Mas, quando Bia falava qualquer coisa sobre como queria criar o bebê, Alice dizia que tinha mais experiência e que, podia deixar, que ela ia fazer

tudo. Parecia querer ser mãe e pai. Nesse momento, Bia reclamava, dizia que o filho era dela e que ela queria ter o direito de pensar na forma de educá-lo. Bia se rebelava de uma forma que mais parecia a de uma filha discutindo com a mãe sobre a criação do futuro filho-neto.

Nesse caso se vê com clareza a fluidez de identidade (homem/mulher) e as flutuações de papéis (mãe, filha, marido) característicos da pós-modernidade.

Esse é um caso extremo vocês podem dizer... Mas todos nós nos deparamos cada vez mais na clínica com homens, mulheres e filhos do que chamamos de famílias recompostas.

Pais sofrendo porque estão ensinando computador para os seus enteados, enquanto quase não têm contatos com os filhos. Os ciúmes entre irmãos agora aparecem de forma mais aguda entre os meio-irmãos. Eu chamo de síndrome da "gata borralheira" (tenho várias no consultório). Claro que o lugar da "filha (ou filho) rejeitado" já existia na família tradicional (o famoso filho do meio..., ou qualquer um que assim vivesse esse lugar como seu na família). E, claro, sempre podemos trabalhar com o mundo interno, a fantasia. Mas o fato é que o mundo externo atravessa o nosso consultório de forma evidente em alguns casos (não dá para atribuir só à fantasia a filha que não pode ir à casa do pai, porque a madrasta não aceita, ou quando os filhos do segundo casamento têm muito mais ajuda financeira, etc).

Eu tinha uma paciente que dizia que nunca mais ia se casar, porque "fim de semana sim, fim de semana não, entrava um ex-marido para pegar um

dos filhos, outro para pegar o outro e chega! Você acha que um terceiro homem ia agüentar isso (esse vai e vem de homens na casa dele?)." Claro que ela utilizava esse argumento para justificar suas dificuldades afetivas de construir um novo relacionamento, mas também...

Acho que não dá para negarmos que novas questões se apresentam na clínica. Observamos na pós-modernidade uma fluidez nos papéis de pai, mãe, irmão.

Por exemplo: os filhos lidam com o Édipo com o pai, com o padrasto? Essas novas figuras diluem (dividem) os afetos, ajudam servindo como modelos diferentes que podem facilitar identificações mais flexíveis? Ou, enfraquecem?

Então, já chegamos nas questões: Mudança e permanência.

1) Tenho certeza de que todos concordam teoricamente com o que Maria Helena apresentou no seu trabalho. Mas vocês se sentem atravessados por essas mudanças na clínica? Vocês acham que faz alguma diferença para quem trabalha com psicanálise (com mundo interno) pensar essas questões? Eu acabei de falar sobre novas possibilidades identificatórias na estruturação do Édipo para crianças com duas figuras parentais... Que mudanças vocês percebem na prática individual de vocês?
2) Reforçando as perguntas que Maria Helena faz: Há algum ponto de invariância que poderíamos pensar em relação à família? Qual? Essa

estrutura de sustentação dos relacionamentos e que participa na constituição psíquica e no processo de subjetivação, o que é? O que não é observável?

3) É o que faz com que na pós-modernidade ainda queiramos nos constituir enquanto famílias? O trabalho da Roudinesco é em torno disso, aliás. Ela procura entender por que os homossexuais querem ter o direito de se casar e ter filhos... O que vocês pensam sobre isso?

4) Aliás, essa descrição das relações líquidas, no dizer de Bauman, é o que vocês vêem no consultório? Vocês acham que esta é a tendência, a direção para onde vamos? Porque eu também tenho visto, talvez como uma reação a isso tudo (todos os movimentos vão para frente e para trás até acharem um equilíbrio, não é? Por exemplo, hoje observamos uma descrença nos ideais, descrédito na religião e um aumento do número dos evangélicos, não é?), mas, voltando, eu tenho observado muitos casais jovens querendo se casar no religioso, inclusive se tornando religiosos e pais de nossa geração revoltados com os filhos, achando isso "careta". (Aqui é bom também fazer a ressalva de que estamos falando de um determinado tipo de família, a ocidental, talvez burguesa...)

5) É um paradoxo? Seria um movimento de pêndulo? Eu também vejo na população de jovens que atendo (não os que querem se casar na igreja, estou falando dos antenados) uma coexistência do ideal romântico (de achar o príncipe ou princesa encantados, casar e viver felizes para sempre), aliado a uma grande descrença (relações virtuais,

fugazes, o ficar sem compromisso, um olhar para o futuro sem perspectiva - como Bauman aponta, relações líquidas, utilitárias, de consumo – "enquanto ele (ou ela) for útil, interessante, ótimo, depois "tou fora." . Solitários, e não solidários.

6) E aqui também, podemos questionar se essas duas situações não são o mesmo fenômeno só com outra apresentação: o ideal romântico de achar o príncipe encantado é achar alguém que complete nossas faltas numa esperança de fusão, o viver felizes para sempre sem buraco, sem vazio e, portanto, um sonho de consumo e uma relação utilitária da mesma forma. O que variaria, portanto, seria apenas a esperança ou a descrença em conseguir esse tipo de relação...
7) E isso nos leva a pensarmos no homem (ser humano)? O que é mutável e o que é eterno, constitutivo? Há uma essência? O que é universal?

Quem é o homem freudiano? O egoísta, que só vive em civilização por necessidade, que recalca e sublima também por "vamos chamar assim egoísmo", pq é necessário estar em grupo para melhor sobreviver?

Aí, é coerente dizer que o amor romântico é mesmo apenas um revestimento histórico, cultural para a relação utilitária. Eu sou solidária por necessidade... O bebê aprende que tem que cuidar da mãe, para que ela melhor possa cuidar dele...Mas, a cultura e a civilização são decorrência ou são a essência do que é humano?

8) Voltando à família: Levi Strauss pensava a família como uma instituição humana duplamente universal, uma vez que associava um fato da cultura, construído pela sociedade (a proibição do incesto e outros interditos) a um fato da natureza, inscrito nas leis da reprodução biológica (a união de um macho com uma fêmea). Mas, Levi Strauss era um pensador da modernidade.

Na ordem familiar atual ou ainda não atual, mas que já podemos vislumbrar, onde sexo e reprodução podem estar totalmente dissociados, o que pensar?

Vou lembrar: já se pode ter sexo sem procriação, por conta de todos os métodos anticoncepcionais, e isso já provocou a grande revolução cultural da qual nós fomos autores-espectadores, com a ascensão do lugar social da mulher.

Agora a ciência já está conseguindo técnicas para a reprodução sem sexo e, fundamentalmente, sem a diferença sexual (não é mais necessário ter um homem e uma mulher para se fazer um filho).

Maria Helena citou os três grandes períodos que Roudinesco utilizou para descrever a evolução da família. Vou repetir porque não sei se deu para vocês assimilarem (a tradicional - inteiramente submetida à autoridade patriarcal, casamentos arranjados. É a nomeação simbólica que garante as funções de paternidade (pater e genitor); a família dita moderna (do final do

século XVIII a meados do XX, já com uma divisão de autoridade entre pai e mãe, a família do ideal romântico) e a contemporânea ou pós moderna.

Roudinesco foi, no meu ponto de vista, uma excelente escolha de Maria Helena, já que ela é além de psicanalista uma historiadora, o que lhe permitiu analisar as diversas formas de subjetivação de acordo com o estatuto do Édipo.

Para Roudinesco, (vou citar) "Freud reinventa o Édipo para responder de maneira racional ao terror da irrupção do feminino e à obsessão pela supressão da diferença sexual que haviam tomado conta da sociedade européia do fim do século no momento em que se apagavam o poder e a glória das últimas monarquias imperiais. Ele foi o paradigma do advento da família afetiva contemporânea, uma vez que contemplava, ao fazer desta uma estrutura psíquica universal, um modo de relação conjugal entre os homens e as mulheres que não repousava mais em uma coerção ligada à vontade dos pais, mas em uma escolha livremente consentida entre os filhos e as filhas".

Mas, vou me ater na sua descrição da família contemporânea ou pós-moderna – Ela diz que "a transmissão da autoridade é problemática à medida que divórcios, e recomposições conjugais aumentam. Na medida em que as mulheres não precisam dos homens para a maternidade, podem ser estéreis (pílulas), podem procriar filhos de diversos leitos (tanto quanto os homens) e fazê-los coabitar em famílias ditas "co-parentais, multiparentais, monoparentais, não há mais uma estrutura de parentesco que restaure a autoridade do pai, sintetizando a passagem da natureza à cultura através dos interditos e das funções simbólicas, mas um lugar de poder descentralizado e

de múltiplas aparências. É uma família horizontal e múltipla que se assemelha a uma tribo insólita, a uma rede assexuada, fraterna, sem hierarquia nem autoridade, e na qual cada um se sente autônomo ou funcionalizado.

Eu diria, quase que uma descrição da horda primeva...

9) Esta minha associação com a horda primeva é uma avaliação pessimista, crítica, depreciativa, que aponta para um desfacelamento da instituição da família? Podemos ter outra postura, mais de observadores curiosos? Mudanças e permanências sempre existiram – é só lembrar que houve uma mudança da família tradicional para a família dita moderna. No lugar de lamentar a desordem da família contemporânea, não podemos pensar que está havendo o surgimento de uma nova ordem que precisamos conhecer e entender?

10) Essa é, a meu ver, a essência do trabalho da Maria Helena. Voltando a ela, quando cita Bion: mesmo nas mudanças catastróficas há um ponto de invariância que sustenta a transformação. Qual?

Bom, acho que já trouxe muitas questões para a gente discutir, levantadas pelo trabalho da Maria Helena e passo para vocês a palavra: O que vocês acham?

***